

Entrevista com Rodrigo Christofolletti

15 de outubro de 2020

Arquivo Central – No quinze de outubro é comemorado o Dia do Professor. O que um professor responsável por uma disciplina que trata de patrimônio cultural tem para comemorar nessa data?

Rodrigo – Do ponto de vista macro, de grandes realizações, de fato estamos enfrentando momentos de pouca celebração. A pandemia nos está testando em questões elementares e noutras que muitos de nós sequer conheciam. Mas, a educação não é só feita de grandes mudanças estruturais, embora sejam essas as que realmente determinam mudanças significativas na vida prática e comum de todos. Eu me refiro aqui à possibilidade de perceber crescimento e modificação em pequenas ações de alunos e colegas que, sem a intervenção direta da educação, não fariam o que estão fazendo ou vivendo hoje. Dessa forma, nessa celebração, num país cujas elites política e econômica pouco valorizam a educação, ser professor é uma opção de fé. No caso específico da docência de uma disciplina tão transdisciplinar quanto é o Patrimônio, o grande desafio é proporcionar aos alunos uma visão que fuja da estereotipada ideia de que patrimônio é apenas aquilo que representa os grupos hegemônicos, embora o que apareça seja justamente este espectro. O patrimônio faz parte da vida prática e cotidiana de todos e poder enxergar o patrimônio no dia a dia é uma busca que um professor dessa disciplina deve ter como prática... Estamos bem? Não. Claro que não, mas educação sem positividade crítica redundaria em tarefa compulsória. Não embarco nessa prática, pois sei o quanto transformadora pode ser uma educação que treine os olhares e os sentidos. Então, diante dessa efeméride, dessa celebração, penso que hoje mais que no passado temos ferramentas para enxergar que tanto o patrimônio quanto a educação devem ser passaportes de acesso para uma vida emancipadora e não opressora.

Arquivo Central – Nesse momento de isolamento social, como está a rotina de aulas uma vez que não é possível fazer visitas ou oficinas presenciais com os alunos da disciplina Patrimônio III?

Rodrigo – Pois é: se instalou um dos maiores desafios de uma disciplina tão prática quanto esta que leciono. Como proporcionar aos alunos uma ideia, mesmo que abrangente e não aprofundada, dos espaços com os quais estamos tratando? No caso específico deste ano, o plano de curso sugerido para os alunos utiliza uma série de ferramentas que dispomos. Vídeos de palestras, vídeos institucionais e de sensibilização ajudam a ambientar o aluno, antes da leitura propriamente dita dos textos selecionados. Veja: estamos em uma graduação em História, é óbvio que a carga de leitura é considerável, e por isso, vídeos ajudam a tornar mais palatável a apreensão do alunado. Por outro lado, a interação por intermédio da tela não é uma coisa fácil. A interação tenta ser o mais positiva possível, mas ainda estamos aprendendo o “time” desse novo instrumental. Fora a questão, digamos técnica do curso, de como ele chega aos alunos, acho também importante ponderar que uma aula síncrona, por mais que seja dinâmica, ela possui um estatuto diferente da aula presencial. Então, penso que consciente disso, o professor, que se dispuser a lecionar com essas ferramentas e tecnologias de interação social remotas, deve ter claro que tudo é diferente, mas sem querer que o desempenho, a

atenção, a participação do alunado seja como é realizado no presencial...
Como disse: tudo é diferente, mas pode sim, ser prazeroso e possível.

Arquivo Central – Qual a importância das parcerias entre os setores responsáveis por acervos (arquivístico, bibliográfico e museológico) voltados à pesquisa e aos cursos de graduação e pós-graduação? No curso de História há atividades integradas com esses setores?

Rodrigo – Na minha concepção, que sou filho de escola pública, do ensino básico à universidade, e que aprendi vivendo essas parcerias, a aproximação criativa e colaborativa com setores ligados à universidade é absolutamente fundamental para a sobrevivência dos próprios órgãos. Há sim uma relação de retroalimentação que precisa ser percebida. O curso de História, por exemplo, com habilitação em Patrimônio Cultural, possui parcerias com diversos setores da Universidade para que seu alunado possa vivenciar o cotidiano da instituição. A formação de um historiador, hoje em dia, deve ser a mais eclética possível, e essa formação ao mesmo tempo randômica, porém metódica, muitas vezes até holística, sem deixar de ser especializada, deve ser cada vez mais vertical, o que faz da formação do curso de História algo tão transdisciplinar quanto atuante. Na minha opinião, os setores responsáveis por acervos (arquivístico, bibliográfico, museológico, arqueológico) voltados à pesquisa e aos cursos de graduação e de pós-graduação devem, por princípio, estreitar seus laços institucionais. Isso é uma premissa básica para uma formação mais consistente e a consolidação de políticas públicas de usufruto do bem público, no caso, as universidades... Mas essa integração deve partir das pessoas que dirigem esses setores. Na minha opinião, são esses os responsáveis por enxergar essa magnífica chance de crescimento e valor. É isso que tento realizar no meu caso, como responsável pela disciplina Patrimônio III – Patrimônio Arquivístico. Sou um otimista; neste caso passo ao largo da frase estampada no portão do inferno de Dante: “lasciate ogni speranza voi ch’entrate”. Não! Não acho que devemos perder a esperança e nem adentrar nesse portão...

Arquivo Central – Voltando ao mês do professor, qual o seu recado aos alunos que ingressam em cursos de licenciatura e serão nossos futuros educadores?

Rodrigo – Ah! Tudo o que me falaram quando entrei e segui à risca... É muito interessante perceber que chegou a minha vez de sugerir isso. Mas isso só foi possível, porque eu recebi, acatei, busquei e cumpri cada uma das sugestões que me pareceram interessantes. E isso acho, é o mais importante. Regulem seu filtro. Usem aquilo que achar que poderá ser bom para sua vida, trajetória e formação. O resto deletem de seu HD mental... e sigam em frente. Busquem o melhor que a universidade pública pode lhes proporcionar. Façam disciplinas variadas e cursos variados. Quando voltar a ser possível, frequentem a biblioteca, mas não apenas em época de provas. Leiam os textos sugeridos. Devorem os obrigatórios. Sejam curiosos. Não passem por cima de uma palavra que não conhecem, sem parar e buscar seu significado. Aprendam outros idiomas, isso amplia as chances de vocês conhecerem o mundo para além de suas fronteiras. Nutram interesse pela etimologia das palavras, esse passaporte para ampliar seu universo... e principalmente, tenham lado, sem fechar os olhos para os outros. Em tempos como os nossos, essas sugestões podem funcionar como ingresso para uma formação mais crítica e vertical. Uma autêntica transformação na forma de como aprender História.